

ESCOLA E GEOGRAFIA ESCOLAR: A ATUALIDADE DAS CONCEPÇÕES DE ÉLISÉE RECLUS.

JULIANA SCHWINGEL BROILO¹; LIZ CRISTIANE DIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – jubschwengel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – liz.dias@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O seguinte artigo tem como objetivo, partindo dos preceitos libertários de Élisée Reclus acerca do ensino de geografia, propor a discussão sobre a correlação de suas críticas ao modelo escolar contemporâneo. Tendo em vista o contexto de mudanças curriculares, bem como a forma que a escola ainda é estruturada como aparelho estatal a serviço das classes dominantes, esse debate é pertinente para a problematização da atual conjuntura educacional.

A escola hoje é caracterizada pelo constante embate de ser espaço para reprodução dos ideais da sociedade vigente, ao mesmo tempo em que se torna lugar de possível questionamento e problematização do contexto que reproduz (CHARLOT, 2013). Por isso, essa instituição educacional se torna alvo dos embates políticos atuais, especificamente em se tratando de para quem ela será ferramenta de manutenção ou emancipação social.

Nesse sentido, Reclus (1830 – 1905) evidenciava as relações de controle da igreja e do Estado na educação, com enfoque nos interesses políticos. Crítico dos preceitos moralizadores impostos por essas instituições, colocava a geografia escolar como a possibilidade de aprender a pensar o espaço, possibilitando ao sujeito a emancipação, com a compreensão de transformador desse espaço. Relação a qual, sem ser exercida em detrimento da liberdade, apenas exprimiria a assimilação das relações autoritárias impostas ao saber (RECLUS, 2014).

Os escritos de Reclus são da metade do século XIX, e desde então houve mudanças no contexto mundial, que tem reflexo direto na educação. Aspectos contemporâneos como a globalização, multiculturalismo, desenvolvimento de tecnologias da comunicação e da informação que tornam possível a simultaneidade, dentre outros. Considerando essa conjuntura, Cavalcanti coloca que:

“[...] O trabalho de educação geográfica ajuda os alunos a desenvolver modos do pensamento geográfico, a internalizar métodos e procedimentos de captar a realidade tendo consciência de sua espacialidade. Esse modo de pensar geográfico é importante para a realização de práticas sociais variadas, já que essas práticas são sempre socioespaciais.” (2008, p. 36).

Ou seja, a diversidade das práticas sociais transformou-se, porém a necessidade de compreender a sua dimensão social e seus atores, mantém-se.

Cabe agora, resgatando e analisando os escritos reclusianos, ponderar a respeito da permanência ou transformação das relações de poder na educação as quais ele criticava, situando e caracterizando a instituição escolar atual. Contribuindo, mais especificamente, para compreender a geografia escolar como ferramenta de questionamento e reflexão dos ordenamentos sociais.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho teórico com base em análise de referencial bibliográfico. Para a abordagem acerca do pensamento de Reclus utilizou-se seus escritos sobre educação, encontrados no livro *O Homem e a Terra*, bem como o artigo de Miriam Zaar (2015) que explana o método geográfico de Élisée e o contexto histórico em que se inseriu.

Com o intuito de caracterizar a escola e respaldar a importância do ensino da ciência geográfica no contexto contemporâneo se buscou autores como: Charlot (2013), para a fundamentação da questão ideológica e política na teoria da educação; Pontushka (2009), para a compreensão do processo de formação da geografia como disciplina escolar; e Cavalcanti (2008), para identificar as concepções contemporâneas de geografia e ensino de geografia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Situado historicamente na época das quebras paradigmáticas do século XIX, contexto de desenvolvimento e sistematização da geografia, criticava os interesses imperialistas do colonialismo. Reclus defendia a liberdade, a justiça social, o progresso harmônico da natureza e a cooperação universal, tendo como principais influências os princípios ácratas, a teoria positivista e a evolucionista (ZAAR, 2015). Crítico dos preceitos normativos e doutrinários da educação, subservientes à Igreja e ao Estado, apoiava a emancipação humana e a construção do conhecimento a partir da observação direta.

Colocando que “cedo ou tarde, sempre tão pronto, chega o tempo em que a prisão da escola aprisiona a criança entre suas quatro paredes” (RECLUS, 2014, pg. 19), identifica o empecilho fundamental para a construção dos saberes geográficos: a falta do contato com o real. Para a teorização, é necessário que se estude o que está ao alcance dos sentidos e da experimentação, os quais devem ter sua base na liberdade do indivíduo, sem o que ele denomina “ato de fé” aos professores.

Reclus relaciona diversas vezes a ação hierárquica da escola com a escolástica da idade média, colocando que o método de recitar e obedecer consiste na manutenção da ordem vigente: mudam os atores, mas não muda a relação entre eles. Em suas palavras, o professor “substitui Deus por um outro Deus: a Lei ou a Pátria que a bandeira e outros símbolos representam” (2015, p.84). Nesse sentido, conclui que:

“A cada fase da sociedade corresponde uma concepção particular da educação, conforme aos interesses da classe dominante. [...] O tipo de nossos manuais de educação existe há vários milênios, e ainda se repetem quase nos mesmos termos os preceitos ‘moralizadores’ que ali se encontram. ‘Obedecer!’ [...] Obedecer a fim de ser recompensado por uma longa vida e pela benevolência dos senhores, eis toda a sabedoria.” (RECLUS, 2015, p. 79).

Essa aceção se corrobora com Charlot (2013), quando afirma que a escola é uma instituição social, dependente, portanto, dos interesses dominantes da sociedade. O autor enfatiza, porém, a dimensão dialética da escola, em que:

“Ela não é nem um duplo da sociedade, nem um meio totalmente autônomo: é uma instituição social, e como tal, depende da sociedade; mas é também uma instituição especializada, que se atribui finalidades culturais, e que, enquanto tal, reinterpreta sua função social em termos

culturais que lhe permitem reivindicar uma autonomia em relação à sociedade.” (2013, p. 220).

Ou seja, ao assumir o caráter de desempenhar duplo papel no mundo contemporâneo, a escola torna-se possibilidade de questionamento das realidades sociais, dependendo da pedagogia ideológica empregada. Quando Reclus propõe a emancipação dos indivíduos para a construção dos saberes geográficos, discorda da reprodução alienada das relações sociais, concordando com essa condição reflexiva que pode ser propiciada pela instituição escolar.

A respeito do constante contato com o real que Reclus propõe, denominado de “volta à natureza”, coincide com a reflexão proposta por Cavalcanti (2008) sobre as referências na composição da geografia escolar, em que, dentre elas, destaca-se a necessidade da “possibilidade de permitir o questionamento tanto do conhecimento científico quanto do conhecimento cotidiano” (p. 26). Isto é, a construção dos conhecimentos geográficos contempla a apreensão que se tem das práticas sociais em conjunto com a teoria. São aspectos agregados, “indissociáveis”. Aspecto que a autora considera fundamental ser compreendido para discutir os processos didáticos, no sentido de propor mudanças para a geografia escolar.

4. CONCLUSÕES

Identifica-se a contemporaneidade das críticas reclusianas considerando o sentido transformador da escola, associado com a construção da disciplina escolar baseada no reconhecimento da teoria como indissociável da prática. Ao questionar as relações de poder instituídas em sua época, Reclus apontou a condição ideológica que se refletia na educação, propondo, em contrapartida, a maior liberdade do sujeito para a autonomia de estruturar o próprio aprendizado. Interessante indagar, portanto, a radicalidade das mudanças ocorridas na educação.

Reclus contesta a essência de obediência do ensino-aprendizagem, que rompe com a estrutura estatal. Mesmo que essa condição seja complexa, e, pela profunda sistematização e burocratização na sociedade atual, se torne distante, as contribuições reclusianas podem dialogar com a instituição escolar, colaborando para um debate crítico e propositivo para o ensino de geografia e para a estruturação da educação formal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Concepções de Geografia e de Geografia Escolar no mundo contemporâneo**. In: CAVALCANTI, Lana de Souza, A geografia escolar e a cidade. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. São Paulo: Cortez, 2013.
- ***RECLUS, Élisée. O Ensino da Geografia. IN: __. **Escritos Sobre Educação e Geografia**. São Paulo: Terra Livre, 2014.
- ***RECLUS, Élisée. **Educação**. In: RECLUS, Élisée. O Homem e a Terra: textos escolhidos. São Paulo: Intermezzo, 2015.
- PONTUSHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. A Geografia como ciência e disciplina escolar. In: PONTUSCHKA, Nídia nacib,

PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

***ZAAR, Miriam Hermi. **Élisée Reclus e o seu método geográfico**. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XX, núm. 1123, Junho de 2015.